RYANE LEÃO



* POR ME DERRAMAR POEMAS DE TEMPORAL E MANSIDÃO

Da autora do best-seller Tudo nela brilha e queima



JAMAIS PEÇO DESCULPAS
POR ME DERRAMAR

RYANE LEÃO

JAMAIS PEÇO DESCULPAS POR ME DERRAMAR POEMAS DE TEMPORAL E MANSIDÃO POEMAS DE TEMPORAL E MANSIDÃO

ilustrações de laura athayde



Copyright © Ryane Leão, 2019 Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019 Todos os direitos reservados.

Preparação: Luiza Del Monaco

Revisão: Renata Lopes Del Nero e Karina Barbosa dos Santos

Projeto gráfico e diagramação: Jussara Fino Capa e ilustrações de miolo: Laura Athayde

Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Leão, Ryane

Jamais peço desculpas por me derramar / Ryane Leão. — São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ISBN: 978-85-422-1800-8

1. Poesia brasileira I. Título

19-2044 CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação

01415-002 – São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

a todas as pessoas que têm correntezas vorazes se lançando dentro do peito

lembrem-se, estamos em constante movimento

todas as revoluções que eu desejo começam em mim as mudanças mais bonitas
não vêm com calma e sossego
são uma ventania incontrolável
jogando tudo pra cima
nada cai no mesmo lugar
nem as coisas
nem o coração
nem você

- o tempo fechado nos abre



se sou raio
que eu saiba iluminar
a minha estrada
nesse breu
que eu saiba golpear
mesmo no escuro
me emprestem a retina
de minhas ancestrais
que enxergaram fé
quando tudo era medo

se carrego relâmpagos
nas veias
que eu saiba
que o que corre em mim
tem brilho
tem jeito
tem potência
eu sou capaz de fazer
a terra tremer

se sou vento que eu passe pelos vãos dos seus dedos que nada possa me segurar me limitar
me fazer
menos presente
vendaval não pede licença
pra escancarar as janelas
ou o coração

se sou brisa leve
que eu saiba me dividir
com aqueles que sorriem
ao me ver existindo
que eu saiba sustentar o amor
dentro do peito
dentro do abraço de quem me diz
que resistiremos
que lutaremos
que seremos
assim seja

se sou furação
então eu posso destruir
antes de ser destruída
e se preciso for
tiro absolutamente tudo do lugar
e defino como vai ser a partir
de agora

se sou sagrada

que eu me benza com folhas e búzios e velas e mãos entrelaçadas quando dizem eparrei a força que me invade não me permite o silêncio

se sou nuvem carregada que eu me despeje e deságue e que mesmo que eu termine chuva de granizo nasci oceano sou mais inconstante que o mundo sou onde tudo começa e termina sou a história que eu quiser contar sou revide antes mesmo que alguém tente me atacar sou estrondo de trovão meus pés descalços tocam o chão estremeço mas sou profunda demais pra acabar me reconstruir da alma aos pés foi o sinal mais evidente da sua chegada

não é tarde para que a gente se abrace com mãos quentes entrelace as pernas em rima e garanta que nunca mais seremos sede

deixa eu te mostrar que a mulher preta não é feita só de dor você é o excesso do excesso tudo ou tudo você é uma estrada que nem sempre dá no mesmo lugar você é um país que ninguém vai dominar

se irritam contigo porque você acredita e vai até o fim e mesmo quem não te entende vidra em você

você é uma mulher
que carrega fogos de artifício
por dentro
em vez de borboletas
quando você ama
você ilumina
as beiras de todas as praias
como nos dias de ano-novo
cheios de possibilidades

você é noite de lua cheia semana de carnaval gole de cachaça docinha música ao vivo na rua numa tarde de sol e todas essas coisas que mexem com a cabeça de qualquer pessoa você é previsão de pancadas de chuva e quem é que já conseguiu parar um temporal? quem se afastou de você e tentou te calar foi porque percebeu que não pode te controlar

só permanece quem é de mergulhar

você decora discos inteiros memoriza risos e sabe que banho de rio melhora qualquer desalinho

você aprendeu a ser mais gentil com o seu corpo não força mais a barra consigo mesma e se dá tempo pra descansar

você é uma mulher que sabe que outras mulheres vieram antes pra que agora você firmasse a sua voz você não é uma flor
você é toda uma floresta
bonita
incomum
imensa
inesperada
e deixa seu conselho:
preste atenção em onde pisa
que as minhas raízes
continuam
a crescer

o que me faz poderosa não é só essa força desmedida esse grito potente se estou de pé é justamente porque me permito a queda livre me deixo desabar sentir o gosto do chão desaguar digo pra minha intensidade descansar pra dor não faço lar mas permito a visita não serei inabalável não insista quando estou fraca tenho coragem de me encarar

para nós que temos pressa desejo que ainda haja vontade de contar estrelas durante a noite para nós que temos pressa desejo que possamos ler um poema a ponto de senti-lo mudando nossos rumos para nós que temos pressa que respirar fundo substitua os pés nervosos e as mãos trêmulas para nós que temos pressa que a angústia nos esqueça descanse entre as brechas para nós que temos pressa que ela não seja fuga pro que somos para nós que temos pressa desejo que atrasos bonitos nos encontrem para nós que temos pressa desejo atalhos entre os trilhos descompensados para nós que temos pressa que saibamos que o retorno é perigoso e por vezes impossível melhor parar admirar as demoras

pra então seguir

eu vou ser sincera eu quero sempre ser sincera contigo e comigo eu tô um bagaço olheira, boca seca, falta de apetite eu ando cansada demais minhas costas doem muito às vezes tenho a sensação que perdi mesmo a cabeça mas os dias continuam e eu vou dando um jeito de ir com eles você percebe que chamam a gente de forte o tempo todo mas esquecem que somos carne e osso? eu não quero ter que fugir de mim eu não quero ter que fugir de você eu não quero ter que fingir que sou inquebrável desde quando se fortalecer é não cair? conhecer as ladeiras nem sempre evita que a gente escorregue por lá e se estabaque com a cara no chão

e tudo bem, tudo bem errar

ontem eu deitei na cama
fechei os olhos
e tentei esquecer
todos esses nomes
que moram em mim
são tantos andando aqui dentro
que fico alternando entre ser tão boa
e tão péssima nessa coisa de deixar ir
depois tentei lembrar do barulho das ondas
estar longe do mar
me murcha inteirinha
hoje eu só vou dar conta de cuidar de mim
não posso doar quando estou oca, entende?

você me chama de rainha
mas não banca o elogio
porque não reina comigo
eu amo a minha solidão
mas também preciso de abraço
de colo, de porre, de convite
de ajuda, de norte, de fé
comigo ninguém pode
ou eu é que não posso
com ninguém?

às vezes quando falo sobre desmoronar

dizem pra deixar pra lá
mas eu nunca vi tristeza passar
sem ser sentida
ignorar as feridas
não vai estancá-las
tem que parar, olhar
lavar, passar remédio
e soprar, não tem?

a poesia não quer dizer que sobreviver é artístico sobreviver dói e arranca sangue é que as palavras têm dessas de acalentar

não se iluda hoje eu não vou pro front da luta nem precisa me chamar eu não desisti não só tenho que me restaurar

curar começa quando dizemos nossas verdades será que é mesmo o mercúrio retrógrado a lua em câncer o sol em capricórnio a correria, a distância a rotina, o passado ou é só você que não consegue bancar o que está sentindo? caminho inviável e perigoso esse de se prestar a reverter erros alheios cuide do seu coração fértil seja vitória-régia que sabe quando dá flor se dedique a lutar por você você me

de

ses

tru

tu

ra

você me dá aquela sensação de poder ser eu mesma sem armaduras e nossos olhares são capazes de causar um incêndio onde tudo era faísca come on, baby que eu voltei até a ser clichê dizendo que sim quando você me chama pra visitar todos esses universos que cê carrega dentro de si

eu sou maravilhosa sozinha mas com você sou o dia todo poesia

eu quero conversar contigo

por madrugadas a fio ouvir sobre o que te faz leve e o que te apavora ouvir sobre quando você foge e quando você se demora quais são os discos que te curam quais são as músicas que te recomeçam por onde você viajou quais os gostos que cê guarda nesse sorriso que soltou

eu sei que você também tem vontade de me ouvir um tanto assim tem partes de você que se reconhecem em mim cê não sabe disfarçar não nossas histórias se esbarraram do nada ou será que o acaso já tinha a intenção?

eu tô na sua então pode perguntar sobre meus livros, minhas constelações minhas inseguranças eu te conto sobre todas as minhas revoluções minhas andanças se quiser me descobrir com a língua não tem erro, cê sabe por onde começar e se você quer me ver dançar é só escolher o som

cê sabe que se eu te chamar cê vai querer ficar não tem jeito eu sou essa explosão no seu peito e eu gosto de caminhar com quem tem coragem de viver o que sente e aí, cê vem? me leem zona de perigo
me pedem pra sorrir mais
me definem como assustadora
cara fechada, cara de brava
não pertenço, não encaixo
e não sinto vergonha
crio minhas próprias regras
só me comprometo com linhas
e com a euforia dos meus ossos
não fico submersa
em uma lista de como agir
para que me amem

basta que eu me abrace

mulheres como eu estão em toda parte em toda parte e não é preciso coragem para se aproximar delas é preciso se aliar ao motim é preciso

arder

a dor não me fez bruta mas sou marcada difícil encarar as cicatrizes de uma mulher selvagem que tem cada poro em constante luta

eu beijo o silêncio de estar comigo crio intimidade com a minha solidão me atento a quem se entrega e nem noto quem desvia não quero jogar porque se eu ganhar você me perde no final

estou oscilando entre te querer e me querer

fica fácil decidir quem escolher

– eu vou só

sankofa

herdei de minha mãe a coragem
para me erguer e prosseguir
e também os seus fantasmas
quando choro as lágrimas vertem por duas
por todas as vezes em que ela se sentou no sofá
com a mesma expressão de luzes rompidas
uma mulher forte é uma mulher interrompida
minhas palavras recorrem aos seus silêncios
abrem uma fresta de sua porta devagar
primeiro pedem desculpa
por todas as incompreensões antigas
e as exigências em te querer sempre de pé
depois pedem permissão
para aproximar sessenta e dois anos
do meu colo que não mais se distrai

abandonar-me está fora de cogitação senão quebro o fluxo da continuidade de seus nortes herdei de minha mãe as garras que se prendem ao que se quer eu amo tudo que ela criptografa e quando descubro estão em mim seus sinais, desejos e fugas

tudo bem, está tudo bem
suas notas de perdas estão bem guardadas
e cabe a mim saber manter as colisões
em seus devidos lugares
saber o nome das prisões
para poder triturá-las com os dentes
o que não se nomeia vira pó que nada elimina
chega a cegar os olhos

mas nem tudo que passa é nó e nem tudo que fica importa

herdei de minha mãe o não esquecimento e a urgência de nos compor meu corpo enredo pedindo o seu carnaval não há ciclo
feitiço
amarração
remédio
identificação
desculpa
porre
ou poesia
para prolongar pessoas

partir ou ficar são escolhas não acidentais e intransferíveis há pessoas que são cidades lotadas, intensas, ruidosas oscilando entre o encanto e o caos tão profundas e tão acostumadas com quem logo quer se mudar mas se você ficar vai ver que há partes muito bonitas morando ali elas vão te mostrar lugares que você nem imagina elas brilham muito durante a noite e no fim da tarde você pode olhar o pôr do sol nos olhos delas

teu céu precisa gritar enquanto você abafar esse trovão que te habita as pessoas farão o mesmo

– seja a primeira a se ouvir

naquelas travessias
aquelas em que ninguém quis vir comigo
aquelas negadas com gosto por quem
me garantiu constâncias
aquelas que cruzei mesmo tremendo as pernas
mesmo de olhos inchados
mesmo de punhos marcados
aquelas que construíram meus escudos
aquelas que inflamaram minha pele
que fizeram pequenas quedas serem ambições
que apagaram datas
mas fixaram rostos
que marcaram minha linguagem e meus gostos
trajetos de explosões e nomes desabitados

além de mim não houve uma pessoa sequer com coragem suficiente para morar na descrição desses tempos

se encostar aqui vai sentir primeiro pele depois ossos depois inverno inferno barrancos contínuos

é por isso que toda vez que sorrio o universo vem beijar meus pés

eu carrego o segredo do amor que não pode morrer você vai conhecer pessoas que vão embora muito rápido e outras que vão permanecer e te ensinar sobre os dias você vai conhecer pessoas que vão te dar um baque forte [na hora

- e mesmo assim não estarão prontas para caminhar [contigo
- e outras que vão chamar sua atenção muito depois e vão topar dividir vivências ao seu lado
- você vai conhecer pessoas que vão te fazer pensar sobre [vidas passadas
- não é possível que vocês nunca tenham se encontrado [antes
- você vai conhecer pessoas que vão fazer você querer [perguntar sobre tudo
- porque absolutamente tudo sobre elas vai parecer [interessante
- você vai conhecer pessoas que vão te fazer confundir amor [com violência
- e outras que vão aparecer naqueles instantes em que [olhar nos olhos também cura
- você vai conhecer pessoas que vão te mostrar que [somente você pode ser a sua casa
- e outras que vão te ajudar a ajeitar a bagunça você vai conhecer pessoas que vão te despedaçar e outras que vão beijar suas cicatrizes você vai conhecer pessoas que vão querer te ouvir

e outras que vão tentar tapar a sua boca você vai conhecer pessoas que vão acender o seu pavio pra [te fazer brilhar e outras pra te fazer queimar você vai conhecer pessoas mornas e outras que vão dançar contigo no meio da sala de casa [numa terça à noite

você vai conhecer pessoas que vão te fazer duvidar de [acasos

e outras que vão te fazer desejar coincidências você vai conhecer pessoas que vão te amar quando estiver [na merda

e outras que vão embora sem te proteger

você vai conhecer pessoas que vão te revolucionar em [poucas horas

você vai conhecer pessoas que sentem na mesma [intensidade que você

você vai conhecer pessoas que vão chegar quando nada [fizer sentido

e outras que vão te dar vontade de encarar a vida

os encontros não são tão simples nem tão despretensiosos saiba que se você for mulher será foda se você for mulher preta será mais foda ainda

talvez você não conheça todas essas pessoas ou conheça muitas delas em uma só ou talvez já tenha ouvido falar sobre elas obviamente algumas são mais raras que outras então cuidado com quais pessoas você vai convidar pra ficar celebre a mulher
que você está se tornando
não tape os ouvidos
ela está te chamando
ela dança com o fogo
ela é pancada mas também é doce
ela sempre foi sua melhor escolha

ela é tudo aquilo que sobreviveu toda vez que ligo pra minha vó primeiro ela me dá sua bênção depois ficamos mais de quarenta minutos falando sobre o clima o de lá e o daqui frio e calor se fundem rapidamente ela agradece as orquídeas e diz que estão pegando sol na cozinha e nossas vozes aproximam gerações eu sei que ela está sentada ou no sofá ou na cadeira de cordas de plástico assistindo missas ou noticiários nossas fotos de criança aconchegando a sala e desaparecem os mil quinhentos e trinta e oito quilômetros que só as mais velhas têm a mágica de amenizar

redundante é ter o mundo nas costas mais uma vez

eu gostaria que minha história fosse cheia não vazasse pelos cantos mas suportei tantos tropeços que nada que me cabe é equilíbrio como sempre me disseram pra relevar aprendi a dar segundas chances para qualquer pessoa que não eu como desmontar as crenças como escalar o que venho carregando pra dar espaço pra minha fala e pro meu corpo que no momento só desejam que as consequências parem de me chamar pra dançar com a mesma frequência em que acredito que destino tem mais do que eu não disse do que aquilo que aprendi a gritar

perdi grandes partes de mim que não recuperei ainda e reconstrução não é junção é dar um jeito com o que se tem transformar nada em universos em segundos

acabo de me mudar novamente toda casa que moro eu que criei pai,
teus olhos vermelhos me disseram
que o mundo te esqueceu
ali eu te fiz memória
eu canto uma música pra você todos os dias
escrevo sobre seus rastros
falo seu nome inúmeras vezes
enquanto sonho acordada
e não deixo a sua energia abandonar
essa existência

você falhou muito partiu cedo e a sua segunda chance é o meu ser palavra te vendo daqui pegando suas coisas pra sair dessa casa que nunca te foi lar sinto vontade de te abraçar apertado e repetir:

está dando certo você conseguiu

te convenceram que desistir é uma merda mas desistir muitas vezes é o gatilho certo pra renascer ainda bem que mesmo que por um fio você foi embora daí

quero te contar que você sobreviveu
que a depressão não conseguiu te comer viva
que as idas frequentes ao hospital pararam
que aquele buraco no estômago
aquele enjoo, aquela rua sem saída
tudo isso cicatrizou
e virou uma marca que inevitavelmente
você veste todos os dias
mas agora isso é um atalho
para que outras mulheres
não precisem pular precipícios
por ninguém

quem diria que a sua história viraria um mapa pra tantas de nós?

pensando bem você sempre teve essa fé desmedida e foi um erro brilhar tantas vezes pra iluminar escuridões que nem eram suas mas isso te fez virar galáxia desde pequena você transforma caos em estrelas

você ainda não se deu conta mas é o seu corpo que te fará companhia pro resto da vida e só saber disso faz dele algo tão poderoso você está fraca agora e continuar dói pra cacete mas liberta

quero contar que você vai conseguir olhar no espelho e enxergar um rosto cheio de linhas e que você finalmente vai conhecer gente que te lembra que você é linda e que não é difícil te amar vai haver muitas despedidas pra abrir lugar pra essas novas pessoas é cíclico

há livros morando em cada uma de suas expressões livros que contam sobre uma mulher que é uma em muitas muitas em uma você é sua prioridade e não cabe egoísmo

no autoamor

não tenha pressa todo processo curativo não é tão rápido ou tão bonito assim e vai ver se curar é algo diário tem dia que dá e tem dia que não dá e tudo bem é possível amar depois da dor mas serão amores diferentes de tudo que você já sentiu porque amar também é perspectiva e existe diferença entre amar sendo segundo plano e amar sendo protagonista

te escrevo de uma casa que é confortável bate sol e tem rede na sala e te conto que você escreveu um livro que tem feito mulheres abandonarem silêncios você conheceu a dor cedo demais pra que agora pudesse existir em paz

- uma carta para a mulher que fui

olhar em volta e perceber quando você é tudo que resta isso já é o suficiente alguém que me pergunte se tem sido fácil cruzar os meus oceanos ou se o mar está revolto como nunca



conheço a dor crua e sem freios e ela simplesmente chega causando tumulto

quando eu vejo já estou num novo começo catando meus pedaços que caíram em casa, na rua, nos viadutos e avenidas

eu sigo nem sempre disposta nem sempre sabendo as respostas mas sempre exposta ao que eu sou

por favor, tome cuidado com o que diz eu sou profunda mas pra isso tive que perder demais e eu caibo em tantas outras palavras por que é que você só quer me chamar de resistência

eu sigo nem sempre na estabilidade nem sempre na mais intacta sanidade mas sempre guiada pela verdade de tudo que eu sou

num mundo faísca nasci turbilhão a suavidade e o caos perpassam meu corpo na mesma sintonia

você se mostra e eu me decido borboleta ou búfalo assim que me viu perdida e atordoada ela me abraçou cantou e dançou comigo sussurrou

vou te elevar

algumas pessoas cessam guerras num instante falador passa mal e eu quero paz

eu sou cria de orixá quando chove não saio fechando tudo eu faço o contrário abro todas as portas e janelas também preciso escoar tempestade é fichinha pra quem é de transbordar

eu não estou sozinha
e saber disso é combustível
pra encarar mais uma semana
que começa e eu não sei como termina
eu não abandono
as minhas batalhas no meio
ou você acha que eu cheguei até aqui
porque eu tô a passeio?
eu ando ao lado de rainhas
só me disperso nas
minhas próprias linhas
eu tô com a caneta na mão
chega aqui perto pra ver
que a minha história
quem escreve

sou eu

desde pequena
filmes, poemas e músicas
definiram o amor e as dores
como obrigatoriamente próximos
então me apaixonei rapidamente
pelo que me machucava
mais do que pelas coisas suaves
e agora preciso esfregar no banho
essas violências que grudaram
no meu cabelo e nos meus braços
me convencer
não me sabotar
não duvidar

intuição e insegurança se embaralham quando sei o que devo fazer e paro pra me escutar não consigo identificar o sentimento e separar as vozes antigas de meus receios estagno

talvez não fosse preciso encarar trevas para conhecer a luz se desde o início meu alimento fosse feito de narrativas construídas por mim mesma então olharia pros meus pés descalços e veria asas me devolveria calendários, movimentos e fôlegos e me escolheria me escolheria o seu medo da palavra suicídio nunca fez uma vítima a menos

depressão é água que não dá pé
é quando tudo e nada são urgência
é silêncio gritado
o gosto da morte caminhando ao meu lado
depressão é quando o pedido de socorro
mora na ausência constante
é quando ninguém sabe lidar
e ainda esperam que eu saiba
depressão é céu vermelho de inverno
é engolir a minha própria voz
é quando estar quebrada parece ser a única
realidade que conheço
é quando por mais que eu tente dizer sim
meu corpo continua dizendo que não

e você continua falando comigo como se eu fosse os amigos que foram embora como se eu fosse todos que não me abrigaram como se eu fosse os remédios que eu tomo todos os dias como se eu fosse exagerada como se eu fosse o meu passado como se eu fosse o meu abuso como se eu nunca tivesse morrido

como se eu conseguisse chorar

ninguém quer saber se sinto mais raiva que tristeza ou mais tristeza que raiva ou se há dias em que me sinto livre ou se nem sinto mais nada

aos que se foram
peço a oxalá que lhes dê a paz
que aqui não encontraram
mas e quanto aos que ficaram?
nayo jones diz
que tudo que é bonito tem uma consequência
e eu penso nisso todo dia
quanto do sangue da poeta você vê na poesia?

mas hoje, hoje serei mais que um diagnóstico porque apesar de toda maldade do mundo coisas bonitas continuam acontecendo sem o nosso controle que hoje eu seja uma delas minha voz é um estrondo e vale a pena ser ouvida e meu corpo também fala é em mim que está a saída hoje eu não vou pra lista de pretos que se foram

essa lista que todo mundo cita

que hoje eu reconheça até na fraqueza um motivo para revolução hoje serei minha própria cura hoje não terei vergonha hoje não vou esperar que me salvem e se não houver ninguém para me dizer que sou sagrada que eu seja a própria deusa de minhas águas salgadas hoje não estarei no olho do furação hoje serei o furação hoje estou viva hoje estou celebrando tudo que sou hoje escolhi o gosto de vida hoje sou coragem hoje estou viva hoje estou viva hoje estou viva

e quem sabe me vendo aqui viva outras pessoas escolham permanecer vivas também as partes de mim que ainda não são cicatrizes logo vão notar que tudo em mim é possibilidade

se tô quebrada a poesia me remonta se tô inteira a poesia me reconta premissa essencial de conduta: ser vulcão sem culpa

quem disse que precipícios eram condição eterna?	

se assombro é acúmulo do que veio antes então medos são milimetricamente fáceis de serem explicados

corra atrás deles faça-os falar a sua boca está tremendo
quando você me diz que eu sou sozinha
que eu não tenho ninguém
três segundos depois disso
eu posso ver a solidão
que te assombra
escancarada nos seus olhos
pra que usar as palavras desse jeito
com intenção de rachar o meu peito
por que é que você quer o seu pior
morando em mim também?
amar é dividir nossos pavores
e não transferi-los pra outra pessoa

você está na contramão

a sua falta de atenção com as palavras que saem da sua boca vai acabar fazendo a poesia morrer em você tem coisa mais triste que não ter poemas pra contar? você quer me definir
parece ter certeza do que eu sou
mas não se interessa em ser
a minha carne por um tempo
ou em me perguntar
como anda o meu fôlego
quando eu acordo de manhã
nem quer saber com que potência
meus vazios me engolem
você não vai conseguir me fazer
entrar em guerra comigo
atrás da minha paz
há outras maneiras
de chegar até ela

hoje eu enumerei algumas coisas que me definem, dentre as tantas que existem e ainda podem existir já que estou em constante descoberta de mim:

eu sou a escolha da coragem
eu sou a frequência cardíaca acelerada
eu sou o gosto de vida nos lábios
eu sou o raio que cai muitas/quantas vezes onde quiser
eu sou uma mulher que carrega fogo nos olhos
e montanhas nas mãos
eu sou a encruzilhada que confunde quem

quer me derrubar eu sou o riso alto daqueles que amo eu sou o fragmento do melhor livro que já li

acho que você se confundiu
não sou sozinha
só já não tenho problemas
com a minha solidão
quando ela vem eu sorrio
digo assim:
me conta um pouco mais
sobre mim?

quando coração vira labirinto nem penso só sinto eu não sei direito como te pedir isso agora que eu também estou desabando mas por favor não se entregue ainda estamos aqui ainda há possibilidades em alguns abraços

serão madrugadas imensas então fique atenta às estrelas talvez os baques nunca acabem mas pelas que se foram sou e serei vento nem sempre forte mas sempre presente de quem são os ouvidos quando meus relâmpagos escorrem em líquido prateado que queima mas também é luz de quem são os ouvidos quando a ansiedade decora o meu nome e confundo madrugadas com vozes afiadas que esmago nas mãos até cortar as linhas que dizem guardar meu futuro meus amores e meus efêmeros de quem são os ouvidos quando minha voz se fragmenta e as cordas vocais entram na dicotomia do sussurro e do grito e eu não mais sei a diferença entre a tolice e a persistência de quem são os ouvidos enquanto insisto em ocupar espaços e esvazio a mim mesma de quem são os ouvidos se eu mesma me abandono proponho exílios ao meu peito se hoje eu não dou conta de ser eu

quem vai dar jeito de quem são os ouvidos agora que me veem poeta a que fala agora que me veem como sobrevivente a que insiste agora que me veem como forte a que se firma agora que já sei que posso voltar quem vai me buscar no retorno na esquina, no limbo, no poço de quem são os ouvidos que mais chovem do que suportam tempestades de quem são os ouvidos quando digo que falei demais mas se a vida toda silenciei onde está o excesso de voz onde se instalam as palavras que foram perdidas na infância dá pra recuperar o que ficou preso no diafragma?

por ora não me curo mas por ter me salvado tantas vezes só me faço ancestral para as que virão e isso basta me resgata das pedras pontiagudas
preenche novamente meus pulmões
retira o arame farpado dos meus dedos
transcorre o rio que se formou no meu rosto
estanca o desespero do indizível
trança meus cabelos com búzios dourados
me coloca anéis de rebeldia
e se abeira em meus ouvidos
para me dizer
reine

– a deusa que aqui habita

você precisa ser mais parecida com a água não tem que ser porto seguro a todo instante pode ser correnteza e aproveitar pra levar algumas coisas embora pode ser onda grande no oceano e afogar o que já não importa se desfazer nas margens em grandes pedras ultrapassá-las pra notar que nada te impede vez em quando virar uma cachoeira daquelas enormes e inalcançáveis ou então lagoa calma mas distante só nada quem pegar a trilha você pode ser aquele fluxo de água que desce entre as frestas de uma rocha e mostra que algumas rachaduras são necessárias para que a beleza nasça quente ou fria abundante ou serena jamais peça desculpas por se derramar

eu que já falei sobre mares furacões vendavais riachos e transbordamentos

escrever pra você é ainda mais imenso

eu que já andei em caco em fogo em prego e metal quente

eu não estou acostumada a ser leve mas você me mostra que podemos nos identificar além da dor

por isso me entrego impetuosa na mansidão desconfio que certas cicatrizes nunca fecham de vez só ficam esperando domingos madrugadas tentativas friozinhos e garoas para que se espalhem pelo quarto e comecem a gritar

bom mesmo seria poder escolher qual ferida a gente dá conta de encarar novamente e qual queremos deixar quietinha pra nunca mais mas essas que abrem e se esparramam são justamente as que ainda nos consomem talvez elas estejam implorando para serem ouvidas talvez elas latejem para lembrar que escapamos talvez elas procurem outro olhar talvez elas queiram nos mostrar que perdemos muitas horas decorando a dor e esquecemos completamente de nos concentrar em nossas continuações pequenas grandezas que aparecem em semanas comuns

cheirinho de dendê na feira do bairro a flor que invade o muro da casa do lado de fora e nos topa enquanto andamos na calçada o abraço apertado de uma saudade desmedida se demorar com quem não tem pressa de te observar cafuné de vó, risada de mãe, conselho de irmã

caminhos abertos pedem desvios do óbvio quando a mágoa te contornar levar a primavera consigo se atrair por novos sentidos as paredes chegaram a gritar

viver é muito perigoso estamos sempre por um fio

os tacos do chão queimaram meus pés feito lava

e eu não sei se doeu mais sua consciente loucura suas unhas cravadas seus empurrões seu deboche ou a vontade de nunca ter te deixado entrar



conhecer o que mora em mim não quer dizer que eu saiba lidar com coisas vastas a primeira vez que admiti ser fraca senti o céu rachando ao meio e era só eu me permitindo ser crua se o disfarce do inabalável resulta em queda bruta a honestidade fará espiral em mim

de novo e de novo

expectativa. o estômago tremendo, as mãos apertadas, a cabeça em outro lugar que não aqui nem ali. criar uma história tão longa que mal caberia num livro inteiro até, pá, quebrar a cara pela milésima vez. é assim mesmo, você repete pra si mesma sabendo que não vai se convencer. poderia ser agora, poderia ser depois, mas se nunca aconteceu, eu preciso é cair na real, né? o corpo chega a suar frio diante da impossibilidade. vai ficar tudo bem, claro, é só que às vezes eu fico esgotada com a minha capacidade de tecer o que nunca existiu. quer dizer, até existiu, mas só existiu pra mim, daí não adianta muita coisa. eu já não sei dizer como anda meu coração. anteontem ele tava melhor que hoje. meu coração é remendado com os nós que os outros criaram e eu consegui desfazer. com a minha vontade que eu encontrei quando não restava mais nada a não ser eu mesma. com cachaça. com a poesia que conta sobre fins e começos. com essa mania, essa mania foda, de acreditar. talvez eu não tenha caído até hoje de vez porque ainda acredito. acreditar é diferente de criar expectativa. eu preciso entender isso. acreditar é saber que existe um meio, mas não

saber exatamente qual é. criar expectativa é se afundar na própria invenção.

a gente se escapa te falta coração me sobra coração grande parte das minhas feridas
não fui eu que causei
ainda assim rachaduras se abrem
e causam tremores
nas estradas de meus poros
encostaram no meu corpo
antes mesmo de eu saber
do que eu era feita
me arrancaram as ruas
me enfiaram em becos
e me ensinaram tudo ao contrário
eu nunca ouvi sobre a possibilidade
de apreciar meus devaneios

até agora

me impuseram o silêncio
e me disseram pra eu conter
meu turbilhão
criaram muros na minha boca
e no meio de minhas pernas
eu não tinha por onde escoar

até agora

comeram minhas madrugadas
rasgaram toda fluidez que ousei vestir
e plantaram nos meus olhos a palavra culpa
me obrigaram a construir esconderijos
que mais tarde fui chamando de lar
meus medos foram me calando a boca
um a um

até agora

me obrigaram a ter vergonha da minha grandeza e a me acostumar com as prisões

me querem quebrada
me querem ruína
me querem inacabada
me querem queimada
me querem lambendo sangue
e comemorando com flores nas mãos
me querem falta de querer
me querem tudo

menos mulher

no meu peito uma euforia ruim, os sapatos estão apertados, quase tudo me tira do sério, um incômodo me faz esfregar uma mão na outra, vontade de calar, vontade de gritar, gente demais em todo lugar, lanço os olhos sem saber o que está acontecendo

mais tarde pós-obrigações do cotidiano deito na cama encaro o teto e entendo:

estou triste tinha esquecido mirmã, quando te ouvi chorar a vontade era pegar a sua dor e esmagar feito rascunho de texto que logo se joga fora e é esquecido também tentei acessar a sua tristeza pra impedir que ela dilatasse por entre o sangue de forma tão voraz

no entanto naquela quinta-feira estar sentada na sua cama te fazendo cafuné era o suficiente

busquei a palavra certa até encontrar a quietude presença cura

ecoar

minha pele é marcada por palavras que contam a história de uma mulher que nasceu oceano lava e vento

gero, queimo e contorno todos os cantos do mundo tenho muitos nomes estou em inconstante transformação

nada me condensa e pairo onde me inspiro ultimamente o prazer tem me convencido de que ensina bem mais que o pesar ontem você dormiu mais cedo
e fiz a mesma coisa de todas as noites
coloquei as mãos no seu ombro
e fui elaborando o que te desejo
baixinho num carinho leve
pedi pros orixás te guardarem
e que todo e qualquer desmoronar
não fosse capaz de estagnar processos
ou se acumular com feridas passadas
a fim de confundir a cabeça e o presente
que o desespero não pertencesse
mais ao tangível
e que vazios não pudessem
mergulhar com frequência nos seus ciclos

se alguém me perguntar hoje
o que eu acho que é o amor
vou dizer que é te querer protegida
o mundo é bruto demais
pra abarcar seu peito
não é sobre pensar se você dá conta ou não
mas te desejar plena, completa, rainha

te olho de um jeito que te vejo todo traço ou rastro seu me interessa e mesmo quando estou dispersa

improvável é não te saber

te ouço de um jeito que te escuto e até mesmo quando o silêncio te preenche sem intervalos suas trilhas me percorrem desperto ao ouvir qualquer barulho seu

acho até meio contraditório sua voz que pode derrubar cidades inteiras me ergue e me reconstrói sentada em frente ao mar da praia que não me recordo o nome mas me lembro do som você me disse quer ser minha família? e te respondi já somos

se alguém me perguntar hoje o que eu acho que é o amor vou dizer que é algo muito parecido com a fé:

não andar só

sinto que somos um enredo ainda sendo escrito sobre um cuidado que está sendo preparado há muitas existências e o amor há de reinar e saber pronunciar nossos nomes essa ideia de que alguém vai aparecer e arrumar a bagunça que os outros deixaram. de que alguém vai aparecer e te fazer esquecer tudo que te fizeram. alguém vai aparecer e te dar novo sentido. alguém vai aparecer e te mostrar que tudo pode ser. alguém vai aparecer e completar seu processo de cura. alguém vai te mostrar o que ninguém nunca mostrou. alguém vai compor céus pra você. alguém vai aparecer e você nunca mais se lembrará dos hematomas. isso é só a gente querendo fugir. é mais uma vez depositar nossa plenitude em qualquer coisa que não nossas mãos.

ninguém aparece
não com essa função
de tapar buraco
recolher estilhaço
e não importa o quão rápido
você corra pra se esconder
e se alimentar da espera
você terá que encarar
seu reflexo no espelho
hora ou outra

até o sol explodir e transformar a terra em fagulhas até os oceanos nos engolirem e todos os vulcões acordarem até meteoros racharem o chão até as montanhas quebrarem em avalanches

eu vou escrever com essas mãos que têm textura de força da natureza energia baixa quando a bagunça se alastra e todo mundo se afasta não há espaço que baste pra sustentar nossa chuva torrencial

apesar de tudo
você está sentada do meu lado
na mesa do bar
e toda vez que te olho fundo no olho
o tempo morre em segundos
aí fica simples esquecer os arredores

peço agô e agradeço em silêncio mais uma vez os ventos estão me soprando permanências

há conforto até na espera quando já em casa estou exausta mas escuto barulho de água caindo no seu corpo e sei que vai sair de lá sentar no sofá vem cá em dias caóticos também cabe sossego no peito contradição de efeitos suspeito que pode haver imensidão em momentos estreitos entrelaço de ideias
e eu que sempre fugi do agora
mastigando as horas
sei que só piora
estão estridentes
os barulhos lá fora
preciso ir embora
estou indo morar
dentro de mim

contigo

sei que o amor não tem esse objetivo mas ontem seu amor me salvou e notei que afetos são retas e metas que atingem de forma direta a raiz de quem sabe que a cura não se firma em mãos alheias

só ama quem sabe se afundar em si e retornar sem afogar outras mãos minha composição se mistura com diamantes

ao contrário do que pensam não estilhaço tão facilmente

e ainda que eu possa quebrar continuo reluzindo

- inspirado em esperanza spalding // black gold

se interligar com a metáfora de quem sente e ter a garra intrigada e urgente para se aproximar da raridade de saber nutrir amores num mundo findável nem mesmo eu
conheço todas
as suas histórias
e te vejo encostada
no vidro do carro
cantando baixinho
uma música dos anos setenta
e volto a acreditar
que mulheres
que enfrentaram
incêndios demais
também podem
sentir paz

se eu pudesse mudava pra uma cidade onde ninguém soubesse o meu nome e eu não soubesse o nome de ninguém seria mais uma numa multidão de afetos falhos e recomeços tentando não me maltratar com tudo que não fui tentando continuar de qualquer jeito escrevendo diariamente cartas de amor pro meu endereço me alinhando em novos eixos

dispersa

ela abriu meus olhos com a ponta dos dedos pra que eu pudesse admirar novamente tudo o que é simples hoje eu queria ter acordado com a paz daqueles dias que não vieram, sentir o sangue correndo cheio de sonhos histéricos, parar de sentir saudade de quando descobri aqueles livros e essa cidade enorme e me perdia enquanto o ponteiro do relógio marcava horários nos quais ninguém sentia vontade de se perder, hoje eu queria me contagiar por qualquer excesso leve ou pesado, queria dar o fora daqui, dar o fora de mim, queria que o resto do mundo me inspirasse em vez de me ver esmurrando as teclas tentando fazer sair alguma coisa, pro bem e pro mal e pra tudo que me transpassa, hoje eu queria não esbarrar nas pessoas enquanto caminho a passos tortos, queria escapar dessa sensação de acabar não sabendo de porra nenhuma no final

hoje eu queria mais

bem mais

regra de sobrevivência

bagunce, suma
desista, chore
atrase, grite
pire, beba
enlouqueça do jeito
que preferir
pra aguentar isso aqui
a gente tem que sair da lucidez
de vez em quando

as roupas começam a cheirar adeus a despedida cola nas pálpebras os espaços vão ficando muito apertados as palavras decoram o caminho da boca do estômago o relógio se dilui o quase se alastra as promessas fingem que nunca existiram o silêncio vira cais

quem disse que partir não faz alcançar algo mais confortável? observar com atenção a reação de quem escuta suas histórias

quem teme a sua vivência
quem só te vê como fúria
quem transforma em chumbo os seus anos
quem só se interessa pelas vitórias
sem considerar trajetórias
ou te dá ouvidos pontuais, superficiais
melhor manter distante do seu palpável
melhor manter distante do seu real
ali é melhor
não ressoar

estou imersa no teu sol há tantas vidas que já não há diferença entre nós e o universo

você se desdobra no centro e na beira de mim

por destino ou escolha desperto sempre entrelaçada nos seus raios releio poemas repetidas vezes numa tentativa de instaurar algum tipo de conforto no meu peito-estrada. ontem mesmo meus olhos visitaram um texto que eu não lia havia sete anos e eu não cabia mais ali porque não desejo mais ter olhos azuis e hoje elogio meus traços e meu rosto como nunca antes. os muros da cidade que já me mostraram respostas agora gritam sobre torturas, desgraças e coisas cinzas demais. sinto saudade do sol das seis da tarde que fazia na minha cidade materna, quarenta e dois graus de amor quente e entardecer fluido, de encher a cara com meus amigos do colégio enquanto falávamos sobre trivialidades e de ouvir música ruim sem critério ou julgamentos. o tempo não existe, mas de alguma forma ele nos sonda sem pausas ou rodeios. fui engolida sem permissão, não consegui perdoar todos que me machucaram - e me perdoo por isso e o vestido que ele arrancou na tentativa de estupro na escada da lapa segue rasgado numa lixeira qualquer. toda vez que passo perto dos arcos sinto vontade de chorar, mas não choro, só choro escrevendo esse texto. não consigo usar camisetas de

gola alta porque seus dedos seguem marcados no meu pescoço e ainda há pedaços de unhas na minha pele mesmo depois dos banhos de mar, dos banhos de erva, dos banhos de cachoeira. às vezes não tem nada a ver com fé e olha que a fé que me abarca poderia lotar continentes e fazer ter pé de dança até o mais descrente. eu sou uma mulher partida, uma mulher que parte, uma mulher dividida, uma mulher que divide e sobrou um décimo de mim depois de apanhar mais de uma vez. se falo em primeira pessoa é porque falo literalmente, como é que sigo aberta depois de tanto? como confiar nas coisas que se fazem crescer dentro do peito? e eu não sou fria, ofereço meus equívocos e contradições com o maior amor do mundo e, às vezes, num impulso, desconto em quem ainda vê em mim algo não calejado. se essas ruas gritassem histórias sobre você, o que elas diriam? se as luzes da cidade apagassem, quanto sobraria na garganta? sobrou um décimo de mim e na matemática que não acesso isso significa precipitação. tenho pressa porque se eu parar vão duvidar de mim novamente.

enquanto me pede pra aguentar firme sem me oferecer ajuda você se lembra que ontem mesmo arranquei pedaço por pedaço meu pra preencher pedaço por pedaço teu?

esperar algo em troca não tem nada a ver com isso é que só me sobrou um buraco se completando sozinho por falta de opção nem mesmo se eu puxasse assunto
com as sessenta pessoas que atravessaram
a faixa de pedestre da avenida da estação
nesse minuto
elas compreenderiam
o tamanho da saudade
que preenche a falta
nas minhas mãos

queria desabafar, parar todo mundo pra dizer que eu te vejo sem tropeços retinas atentas pra admirar suas vivências não, parar todo mundo pra saber se alguém já sentiu isso dessa forma que não tem forma alguma porque imensidão não é matéria não é medida é desprendida da terra

e estar distante de você me desmovimenta muda a minha frequência fico emanando uma energia tão lenta que o externo escancara o coração até o trem circulou com velocidade reduzida hoje os estabelecimentos estavam mais vazios que o normal e a música na rádio do calçadão não deu vontade de dançar aquele vento que bateu no meu corpo
na hora de voltar pra casa
primeiro passou por você
não se explica
que nossos encontros
são tanto
que tomam
o caminho
do mar
e cruzam
asfaltos

(se te perpassa vai me transpassar)

foi bonito o barulho da brisa mas só eu ouvi

aí um muro me disse já sabia que ela existia é fácil o porquê de não gostar de surpresas quem tem despedidas pregadas na pele não simpatiza com a espera antecipei sua vinda quando enfeitei mel e flores amarelas pra oxum nem te pedi, só disse mainha, por favor que não me levem mais embora de mim e que seja aconchego o que virá sinceramente
eu não posso te devolver
aquilo que lota
esses espaços que tomaram
conta do seu peito
rachaduras que a vida trouxe
que ainda te tremem
mas posso resgatar contigo
o que for possível
pra se recontar
podemos ocupá-los
com xirês em yorubá

(oyá tocou a terra, ela tem alto valor que a sua espada não nos atinja nem os raios cortem a nossa casa)

há quem nos olhe
há quem saiba dos caminhos
que você percorreu
e se ainda sentir gosto de dor
dentro da boca
que espadas não te atinjam mais
nem os raios cortem a sua casa

fez da voz seu escudo
seu patuá é sua história
sorte é palavra equivocada
quando se vê por onde seus pés
já pisaram
quando se escuta o que seus ouvidos
guardaram
você nasceu baobá e renasceu iroko
seu tempo é outro
e suas folhas carregam os segredos
de quem se refez

por isso te enxergo templo
não só te amo
te reverencio
te cultuo
te respeito
e vou te esvaziar
dos acúmulos
quando o corpo pesar
e vou te celebrar
acima de tudo

vou te celebrar

não é promessa é cura

intuições

são suas ancestrais soprando em seus ouvidos segredos de sobrevivência



você me diz que é preciso se entregar visceralmente eu te digo que é preciso derrubar portas chacoalhar árvores tremer vidraças balançar folhas refrescar contornos soprar flores conhecer sozinha a própria potência de destruição e de amor se aprofundar em seus excessos saber bem de si oferecer o mais bonito pra optar por onde ficar pra optar por onde cair

vez em quando desapareço não deixo rastro dica ou vestígio do meu paradeiro

recompensa alguma virá a quem insistir em me olhar nos olhos se tiver notícias de mim guarde-as bem pra si me informo melhor quando me encaro

aviso fácil: não quero ser encontrada

estou submersa
confio em mim
hoje vou me percorrer
estreitar os laços com
meus desconfortos
inundar meus incêndios
ordenar meus processos

chega mesmo a ser bonito

eu valho meu risco

diluí meus pedaços em vento assim tudo que sopra me carrega contorno e confundo definições quando a brisa bate você não sabe se é o que restou de mim ou é meu inteiro te atravessando

e nunca vai saber

deixa de balançar minha estrutura o coração perde a razão e magoa todos os ossos desse ofício incendiado chamado vida vá com cautela, a dor se esparrama furiosa em cada fiapo de pensamento para que tanta querência se as mãos lacrimosas não encontram o caminho a larga rua devorada de seu coração-criança para que fugir se teu norte é meu sul e não seremos mais nada que duas retas paralelas caminhando eternamente juntas e infinitamente separadas

eu sou filha de territórios distantes e busco meu mapa em cartas engavetadas para me cruzar me descobrir – poema de minha mãe, Luzia Helena, escrito em 1985

outubro

inevitável pensar
se fosse um pouco antes
como seria?
trocar sem medo
brisa leve desde cedo
ser imensa mesmo
no efêmero
várias cicatrizes
a menos

se puder
descanse
nem que sejam cinco minutos
voltados para os cantos de sua voz
diminua a velocidade
tome um banho quente
coloque um pijama velho e confortável
esqueça das lutas por hoje
sussurre calma nas urgências
deixar pra lá também é resistir
estique os pés, descerre os punhos
observe a noite até o dentro constelar
cuide da pele que te envolve

amanhã o sol continuará sendo sol as casas e os prédios estarão no mesmo lugar

agora tudo voltará a ser como era antes

menos você

faz tanto tempo que não temos falado sobre o que realmente importa você ainda se lembra o que é isso

qual foi a última vez que seu coração bateu mais rápido você tem conseguido se admirar quando olha no espelho vamos ver o nascer do sol amanhã pra onde você quer fugir hoje qual a música que nunca sai da sua cabeça o que te arrepia qual seu cheiro favorito tem nascido flores em você como anda a sua fé você quer um abraço daqueles que fazem parar de chover ou daqueles que nos fazem desaguar qual a sua maior saudade você tem conversado com seus ancestrais vamos dançar tim maia no meio da rua

você prefere vinho ou cerveja o frio ou o sol que invade tudo você quer companhia neste domingo quer que eu divida os meus risos com você quer que eu te conte uma história banal quer que eu escute sobre seus medos você ainda se lembra das coisas bonitas que moram no seu peito?

vem cá, demore não

as palavras injustas que você me disse continuam tomando formas continuam caminhando pelas minhas beiradas vira e mexe eu te leio na minha pele eu sinto e vejo a minha cura é processo lento e mesmo nas noites em que eu não a alcanço alguém aparece pra me lembrar que já não há tempo para quebras e sem jeito me levanto ainda com as pernas fracas e os olhos inchados antes tivesse ficado um pouco mais no chão e aprendido sobre o seu gosto e decorado o caminho de volta da ponta do precipício impuseram a pressa no meu cicatrizar

a minha cura
é abstrata e confusa
não tem linearidade
se ontem sorri levezas com os olhos
hoje a memória me engole e me desestrutura
olheiras provam que eu
estou sempre contendo enchentes
me adaptando novamente ao silêncio

depois de tanto gritar
não é que eu fique sem assunto
é que às vezes é melhor não dizer nada
deslizando entre esquecimentos
seleciono as injustiças
eu prefiro saber
o que perdi

a minha cura não é de todo estancada ainda sangro ainda perco

ainda estou construindo uma possível saída por isso a poesia o verso de mar bravo placas para não mergulhar não hoje é esse o perigo em ser de verdade: distanciamento

a minha cura é a paciência com a minha solidão a insistência com as brechas ser esmagada sem previsão mas ser cobrada pelo cuidado que não recebo
eu percebo
meus significados não se dão facilmente
e me exigem explicações que se dissipam
a culpa não é minha se estamos
viciadas em dicionários, frases prontas
soluções instantâneas e teorias
eu sou algo novo todos os dias
mesmo partindo do antigo

eu sinto e vejo
a minha cura
que por vezes enlouquece
e me concentro não em resistir
mas em puxar o ar e dar abertura
às minhas contradições
aos meus próprios presságios
eu já sei ser sol no escuro
às vezes piso em meu próprio abrigo
fujo e deixo notícias somente comigo
e sem adornos nos estilhaços
continuo me curando
continuo viva

lá no terreiro a gente aprende que os mais velhos sabem das dores e dos segredos que são eles que ouvem as plantas e sabem o valor das palavras então a gente fica ouvindo os conselhos e as histórias não precisa perguntar muito o que tiver que saber vai saber se afoba não preocupa não

lá no terreiro a gente aprende que nada pode matar nossas raízes que reza nunca é demais que deus é respeito e afeto que deus sorri quando alguém diz obrigada que deus mora no colo da nossa mãe de santo que deus é o aprendizado que vem de nosso pai de santo mas que muita gente acaba chamando deus de outras coisas e confundindo deus até com genocídio

lá no terreiro a gente aprende que deus é ela, é ele, eles e elas que nossos deuses gostam de vir pra terra e dançar e comer e ouvir o som dos tambores aprende que lá da áfrica eles nos escutam que a mágica da vida mora na música e no batuque e nos pés no chão que sentem a energia do amor

lá no terreiro a gente pede bença

bate cabeça na terra, beija a mão e percebe que riso de criança leva embora qualquer maldade aprende anos em uma tarde carrega patuá, canta em yorubá e oferece flores, frutas e doces e uma porção de coisas mais

para aqueles que cuidam de nós lá tudo que a gente faz é uma homenagem aos que se foram aos que se erguem agora e aos que estão por vir e quem tem fé tem tudo que precisa pra passar pela vida

lá no terreiro a gente aprende
que não há quem ande sozinho
que existe uma multidão ancestral
no nosso caminho
que deus tem pele retinta e cabelo crespo
e que tudo bem se tem outro deus que não tem
que cada um pode acreditar no que quiser
desde que não queira destruir o outro
impor ao outro verdade absoluta
ou acabar com toda a cultura de um povo
ou fazer eu me esquecer que deus pode parecer comigo
pode ter meu nariz largo e minha boca grande

os cachos enfeitando a cabeça por que não?

lá a gente aprende que o vento que bate no rosto o mar que nos ensina sobre nosso real tamanho as árvores, a chuva, a terra, os relâmpagos tudo isso é deus então aprendemos a cuidar do que nos cerca e de quem nos cerca

e ainda assim tem gente queimando a gente querendo nos dizimar inventando bobagem sobre nossos rituais por que é que não conhece mais de perto se tudo isso que a gente aprende lá é exatamente o que falta nessa gente e no mundo hoje escutei do ódio ao amor
e guardei somente o que me condiz
eu sou uma mulher que ainda bota fé
que coração é maré alta
melhor saber quem sou do que
tentar compreender o mundo
assim vou matando as vozes alheias
uma a uma
e descobrindo sozinha
minha condição

tudo bem ser imensidão

as mulheres que correm em minhas veias me acordaram essa madrugada para me avisar que grandioso não é o que me atravessa grandioso é eu ainda permitir que coisas belas me devolvam o chão filha,

deite aqui e me escute. falei com o tempo e pedi pra ele parar. nesse momento até mesmo ampulhetas travaram areias. eu estou aqui. eu estou aqui. estou aqui. estou levando seus temores e mantendo a paciência. chegue antes para observar os terrenos, busque aliadas e quando te cegarem me encontre no mistério do entardecer. te darei água pra beber nos seus desertos, te ventarei nos mormaços mais profundos e te acenderei em fogo que poderá aquecer ou espalhar cinzas por onde passar. meça seus poderes. sabedoria é justamente não ter todas as respostas, aprenda. eu resolvo, eu dissolvo, amasso entre as mãos e faço pó da matéria mais densa. me peça, mas seja inteligente e certeira. me agradeça por estar inteira. pedreiras desmoronam e você ilesa. poeiras formam nuvens e você defesa. você pode até perder, mas nunca sem guerrear – e perdas são ganhos despretensiosos. escrevi seu nome no ar. sua prece é voar.

ouço seu nome molho de imediato pulso acelera nuca e lábios se arrepiam imagino sua língua entre as coxas eu movendo meus dedos em seu estado líquido você apertando as minhas costas respondo intuitiva a seus toques me revirando me remexendo lençol caindo da cama deixa pra lá aqui é mais importante paixão prolixa palavras se soltam pra conduzir e instigar

reverberar

contigo até suor vira água doce sinto que posso rachar o universo ao meio mas é na doçura que me encontro mais ferro, vento e água dançando em mim não tenho sorte, tenho raiz

mereço calmaria, eu sei eu quero alma o mundo é mundo demais e eu me interesso pelos detalhes quero saber das histórias por trás das olheiras quero saber das vivências guardadas em cartas oralidades, bagagens, sonhos e acasos eu gosto mais do fim do dia do que do começo porque é no fim que se pode saber mais sobre o que quase não se fala quando cansada eu chego em casa tiro os sapatos, tiro a roupa, me jogo na cama e ainda com cheiro e resquício da rua abro uma cerveja e conto que eu me interesso pelos detalhes o que faz descer na estação errada quais os dias favoritos que borbulham e fazem o riso fácil aparecer quando foi que o buraco virou cicatriz como eu posso contribuir na sua luta somos lama, somos terra somos terreiro, somos batuque

somos mais agora do que ontem somos aquilo que nos traz luz somos abraço apertado beijo longo e cuidado e que eu me lembre que somos também a escolha de onde pisaremos com o peito aberto e os pés descalços quero
seus
demônios
dançando
junto
com
os meus

evita-se falar sobre isso mas existem vários tipos de solidão a fria e silenciosa que esvazia a confortável que preenche a que põe pedras na garganta rua sem saída a dura mas necessária que reconstrói e as que eu ainda não sei nomear e chegam desavisadamente geralmente vêm de fora alguém coloca nas suas mãos e você fica sem saber o que fazer com isso essas são as piores essas silenciam

quando andar aos avessos raspando os dentes ansiosos transparecendo excessos mente a mil por hora procure a poesia

e quando a poeira baixar procure as poetas agradeça fortaleça não deu tempo de te contar sobre eu ter me sentido em casa na bahia risada alta nos bares dos arredores do rio vermelho mares convidativos com cara de porto seguro sobre eu ter sentado ao lado da ayobámi adébáyo e falado sobre vivências e construções sobre eu ter beijado o amor da minha vida no show da lauryn hill sobre eu agora gostar de festas surpresa e saber mais sobre o poder curativo das plantas não deu tempo de você notar que a paixão me revisitou que eu voltei a cantar que eu quero gravar um disco de samba que meu cabelo está selvagem e livre que eu canto enquanto cozinho que eu conto os dias pro verão chegar que eu espero que você também volte

o cheiro do corpo dela
se mistura com o cheiro dos bares
e das casas e das garrafas e das encruzas
e das estações e dos apartamentos
e das festas e dos copos e das taças
e dos carnavais e das maresias
e das viagens e dos tumultos e das marchas
e das revoluções e das praças e das músicas
e dos temporais e dos encontros e dos gostos
e das poesias e dos beijos e dos tambores

os lugares mandaram avisar que ela não é apenas passageira é protagonista minha herança de laços desfeitos não vai nos atingir vou te amar de guarda baixa escudos e espadas no chão

dessa vez não há guerra

vou manter o peito escancarado vou consolidar plurais e parar de calcular estratégias de isolamento preciso desligar espairecer desafogar

reconhecerei a palavra amor sem estranhamentos e seremos encontro

para o meu altar particular

eu me desculpo
pela marca nos pulsos
eu me desculpo
pelos espelhos quebrados
eu me desculpo
pelos desejos infundados
eu me desculpo
pela falta de amor por mim
eu me desculpo
pelo coração rasgado
eu me desculpo
pelas armadilhas que criei
eu me desculpo
por ter me visto
e não me identificado

eu me desculpo

agora peço a meu corpo que me mostre como seguir daqui pra frente

sinto que estou pronta você faz renascer em mim vozes que enfiei debaixo dos cobertores e abafei para que não trovejassem antes de dormir. nem todas precisavam ter sido perdidas propósito, por isso ao recuperá-las tenho que ter cautela para que não haja enganos. aquilo que se quis perder não respeita mudanças de ideia. eu também quis ter controle sobre tudo, até mesmo sobre os relâmpagos, ser minha própria previsão do tempo para não desaguar no inusitado. percebi que quem se busca sem freios acaba se perdendo mais que os outros porque é nas distrações que está o que não tem pressa pra ser bonito. talvez nem todos os dias demos conta de nos encontrarmos com nós mesmas e talvez seja isso que a minha madrinha tenha tentado me contar: saber quem se é, mas se esquecer de vez em quando para se permitir sentir o mundo. percebi que você fez isso naquele dia do banho de chuva e foi tão honesto que a sua dor escolheu se despejar pelas calçadas porque não sentiu que te pertencia. pelo menos naquele instante. não há cidade grande que possa te fazer menor e eu gosto tanto de te aprender. ainda que a memória falhe insisto em guardar sua dança nos cômodos de casa, sua voz lendo os poemas das quatro da manhã e seus olhos que me lembram que posso ser amada dentro de um calendário desfeito e refeito só pra nós. as horas se jogam nas nossas mãos para que não seja cedo nem tarde nosso existir. ainda que a memória fale, te alcanço em letras emolduradas, riso alto que mostra os

dentes, roupas esquecidas no sofá e músicas que vão e voltam pelas suas ruas. os lugares que você passa permanecem cantando. fico sem eira nem beira e quando sugerem que eu troque a palavra sol por só me pergunto se é mesmo necessário, se dessa vez não há dúvidas. você prolonga o que ilumina, então volto a ser difusa pra misturar a minha luz com a sua e revivo vozes que mantive apagadas, mas que agora se espalham e acendem espelhos sem cegar. reflexo bom do que virá.

nego, é as quatro da manhã que a nostalgia invade os anos voaram e a selva de pedra não nos engoliu naquele sofá do hostel te vi tocando violão pela primeira vez

você canta, preta? bora fazer um som?

flores abrem e fecham e caem e nós somos o que fica obrigada por acordar a minha voz esse teu eterno vício pelo depois ainda vai me enlouquecer piso forte no chão, dou passos duros, piso tão fundo quanto meus olhos escuros, se piso na terra deixo sujar, se piso no vidro retiro os cacos, pode deixar, se piso na água fria não recuo, se piso no concreto sinto falta do indefinido, percorro estações vielas frestas curvas, às vezes com rumo, piso forte no chão, faço do meu trajeto coração, não costumo regredir, já fui embora sem retorno, já gritei pelas ruas querendo um mapa pra voltar, é bom que eu tropece pra conhecer os buracos, é bom que eu me perca pra aprender a usar bússolas, piso forte, não ligo, piso fundo, de um jeito ou de outro eu consigo, piso forte, cambaleio, piso firme, cambaleio, piso fundo, é foda, mas eu vou, eu vou, piso forte, piso fundo, qualquer hora eu atravesso o mundo.

qual foi a última vez que sua respiração correu sem ofegar e quando disparou era alegria genuína ou acúmulo de abismos? se sou poeira de estrela o que me ancora é pó ou brilho?



eu vou reviver,
mas não como fênix
vou reviver como um pássaro negro
terno e veloz
de olhos e dias também escuros
asas fracas, mas intrépidas
vou reviver porque sei
que escrever
é o meu primeiro
e jamais será
o último
ato

pretinha

continuamos tendo muito em comum existir de maneira mínima não nos interessa nem nos basta onde vamos manter nossas partes imensas se somos mulheres densas

pretinha

cansadas até mesmo de dar o nosso melhor sentimos na boca do estômago a saudade do comum como será ter um sono manso sem pensar na estratégia de guerra dos amanhãs

pretinha

o problema não é você continuar acreditando é que nem todas as mãos podem abrigar o seu poder ancestral

pretinha

me procure quando se perder e quando se encontrar perdidas podemos esbarrar os nossos sonhos inteiras podemos nos demorar e traçar planos para preencher outras de nós primeiro considerei fardo
agora acho que é algo como sorte
tudo em mim escorre, se espalha
me derramo como enchente
desconheço metades
e ofereço travessia
pra quem se vê
no mesmo ritmo
que eu

sou a brecha de uma nova narrativa se chegar de peito aberto pode apostar que te preencho do jeito mais bonito possível sou tão minha pra você achar que estou nas suas mãos sou eu que escolho onde vou pisar pra se perder em mim tem que primeiro se encontrar antes deságue
depois compreenda
ainda existe leveza em você
seus poros vão tremer por outras pessoas
seu riso vai ser confortável
como um sábado de sol
e suas mãos vão carregar percursos
de uma mulher de coração turbulento
que leva jeito pra amar suavemente

definições

sabe o que é saudade saudade é não conseguir mudar nada absolutamente nada

quanto mais anos eu desejo viver contabilizo mais anos pensando em meu pai que está e não está aqui e eu nem sei pra onde vou ou vamos se céu e inferno são a mesma coisa que terra o que virá depois? será que te encontro? será que te conto como é estúpida essa dor que se forma diante da morte de alguém que já parecia ter morrido em vida será que te encontro? será que te pergunto

o motivo dos rombos no coração de minha mãe? será que adianta? porque é assim céu é céu dor é dor saudade é saudade além disso não existe

só que meu pai sou eu também em algum traço perdido em casa e encontrado em minha pele no meu rosto e nos meus cabelos nos meus álbuns de música na minha prateleira de livros nas marcas amareladas nos olhos nos dedos dos pés no crescer sem me resgatar

e o que eu quis quando você estava vivo era que você fosse qualquer outra coisa que pudesse ser mais próxima de mim que desastre
derrubo o que estou bebendo
nos livros que leio
deixo a geladeira congelar
perco papéis importantes
o restinho de brasa
faz um furinho na blusa
vigésima cópia da chave
me distraio
quase não encontro
o que guardo

cuido das pessoas esqueço das coisas

2001

depois que você foi embora eu desaprendi a guardar surpresa. fico achando que não vai dar tempo, que é melhor falar logo. conto o que eu tô planejando, mando foto, mas não guardo. não guardo nada comigo e escrevo, escrevo muito. fico falando tudo que sinto o tempo todo e não consigo pensar que amanhã melhora. a última vez que pensei isso você tava de cama e não levantou mais. não sei como você teve forças pra quase fugir, se arrastar no chão pra eu não te ver. eu nem entendia o que era aquilo, eu só peguei minha mochilinha laranja e viajei pra te ver. depois que você foi embora eu não tenho mais medo do pior. não tenho medo de ver o pior. não me afasto das pessoas que doem, não fico de boca aberta quando se abrem. quando me dizem que talvez eu não aguente ouvir, sei que dou conta. abri aquele álbum de fotografia duas vezes, uma quando revelou e outra vez quando senti saudade (chorei e fechei na terceira foto). quando me contaram, quatro dias depois da visita, eu parei de acreditar em deus. nada existia, nem deus, nem outro dia, só aquele buraco fundo onde eu não te via e você não me via. deus era outra coisa, deus não mantinha. deus era tudo que não fomos. somos muito parecidos, acho. acho porque nunca convivemos direito. eu era pequena e você com seus um e oitenta, noventa e poucos, menor do que eu. me refiz solo sagrado enraizei naquilo que é atemporal

comigo sou eterna

algo se repete pra provar que você nunca é a mesma algo se repete para que você compreenda que você nunca é a mesma pare de chamar por suas versões que estão no antes elas morreram pra te parir maior algo se repete se repete se repete e ainda bem que você nunca é a mesma

gênesis

ela falava de horóscopo
como quem mexia na posição dos astros
com as próprias mãos
sem dúvidas as estrelas mudam
de lugar toda vez que ela se ama
não à toa, constelações a cercam
pode lhe faltar tudo
menos sol

alumia, meu bem

ela me ensinou que amuleto é nosso próprio corpo revestido de calor e brasa só aquilo que arde pode nos pulsar impulsionar

ela redefiniu
o início e o fim dos universos
reescreveu com voz feminina
o predeterminado
memorizou o gosto da liberdade
e descreveu pra todas que encontrou

e me recordou da importância de observar as árvores ainda que nas calçadas ainda que no concreto ainda que no apesar

ela desobedeceu o desalento moeu e derrotou o tempo e preferiu sustentar a leveza que tentar calcular o desmedido te quero jogada na rede de casa olheiras de quem faz um corre sincero coração em festa que fica em estado constante de samba seus dedos nas cordas do violão depois enrolando seus cabelos que parecem o céu da noite na chapada

te quero copinho de cerveja gelado caderninho de letras e poesias lotado sono sem fúria ou interrupção sonhos que não se fecham nem se calam

que seja tangível o seu despertar para tudo que te espera e que você se dilua em corredeiras que apontam para o amor

tenha pressa mas se afobe não seu prosperar já é certo venha logo topar seu destino que te aguarda ansioso e sem descuidos o transbordar é bonito quando se escreve mas fere quando escorre

eu não me caibo

quanta coisa no chão
foi a primeira coisa que você me disse
ao entrar na minha casa nova
ainda com caixas empilhadas na sala
menos meus pés
pensei
e ali eu já soube que você era dessas pessoas
que só andam olhando pra baixo
e só se concentram na própria loucura
incapaz de me perguntar
se eu estava bem
você andava curvada
e eu segurava seus ombros
não me sobravam mãos
pra cuidar de mim

foram duzentos dias sem me ver

você veio rápido demais
e era tudo tão denso que chegava
a não parecer frágil
somos o que damos, bonita
e de nada adiantava
te salvar
e me paralisar

só abaixo a cabeça quando preciso pegar impulso relembrar raiz e alçar voo

parti pois sou ininterrupta na terapia digo que preciso saber o que mereço
e ela me pergunta o que isso significa
vi num filme que acabamos aceitando
aquilo que obtemos aos montes
ainda que pouco
embarcamos em mínimos
sustentamos equívocos
e as sobras se embaralham
com sutilezas

a terapeuta me diz que não se trata exatamente de merecer mas de querer querer cumplicidade querer gosto de trocas inteiras deixar chover o novo

é preciso também saber o que se quer além de fixar o que não se aceita de modo algum

respondo que quero honestidade continuidade, mãos que se dão firmes em qualquer lugar e como sei que ainda posso despencar que não estou ilesa embora tenha crescido bastante nos últimos anos mais do que prevenir o naufrágio eu quero saber nadar eu quero saber voltar eu quero flutuar até meu ponto de partida e me achar ali à minha espera meu bem
te provar inteira causa no meu peito
certo tipo de direção
abro minhas pernas de antemão
e as biografias do meu corpo se derramam
na sua boca que declara:
aqui e agora
me entrego
até a raiz

te mordo leve
vontade pede
dilata a pele
vira redemoinho
e sopra no ouvido
palavras com gosto
daquilo que escorre
em ritmo alterado
acelerado
exagerado
se dentro faz lua cheia
deixa inundar

deve ser isso o mais próximo do infinito eu quero deitar encolhida no chão e ficar lá por horas chorando e me libertando de tudo que é tóxico eu sei que em algum momento eu vou me salvar mas até chegar lá talvez eu precise de ajuda

essa carne que tanto protege também será protegida?

elza soares diz que o fim do mundo é todo dia, baby voltamos da guerra repetidas vezes precisamos cuidar umas das outras é o único jeito de que valerão meus escritos se outras não falarem não se contarem não dançarem não se manifestarem não protestarem não se erguerem

de que valerão meus escritos se eu me esquecer de direcioná-los para aquelas que engolem silêncios em seco que escondidas oram ao impossível que no ônibus às cinco da manhã fecham os olhos e sonham rumos que focam em tapar os vergões que nunca soltaram do peito os leões que estão habituadas a vestir inseguranças

eu que agora tenho a voz audível não falarei por ninguém convidarei para virem ao meu lado para não deixarem se apagar ou desencorajar de que valerão os meus escritos se eu não convocá-las se eu ignorar da onde vim se eu parar em mim descubra aquilo que te move o que te traz de volta à vida e se atire, se jogue, se lance no instinto de fazer durar semana passada enfiei na cabeça que eu seria mais celebrativa e fiz uma única promessa:

jamais desperdiçar segundos sem amor ano passado vi um vídeo da poeta tatiana nascimento e senti que devia proteger minhas raízes e ser mais gentil com meu crescimento. agradeço às poetas negras que me tiram do lugar comum e me botam pra me absorver e conceber universos. há tanta gente seguindo em frente apesar da neblina que nos devora que não posso evitar esse amor e essa fé que me escapam e se dividem através de minhas palavras. eu mesma me questionei muitas vezes sobre essa insistência pungente que é tão necessária, tão infinita, tão legítima. aí guardei na memória a minha grandeza e me agarrei no celebrar, voltei pro mar, renasci para yansã, me vi em ogum, fui zelada por xangô, virei afilhada de oxum, aprendi profundamente sobre desencontros e proximidades, soprei estrelas em chuvas de granizo e respeitei as minhas pedras, o meu silêncio e o meu bem querer. nesse ano aprendi com a poeta key ballah que o ar fresco queima a tristeza, e desde que virei meu ciclo – no dia 19 de janeiro – me sinto viva. leiam mulheres negras. e contem suas histórias, porque toda história importa. foram e ainda são tantos desabafos honestos sobre meu primeiro livro ter sido essencial e curativo, e esses sentimentos partilhados por tantxs mantêm aqui dentro a salvo. agradeço às mais de

quarenta mil pessoas que o leram. agradeço à minha mãe luzia, à minha vó eunice, à minha tia laura, à minha irmã mayra que são mulheres que regem a si mesmas desde a minha infância. me espelhei. agradeço à minha irmã beatriz que me oferece suas mãos pra me abrigar da desordem natural das coisas. juntas estamos tentando compreender cuidados. agradeço à mc carol dall farra por me mostrar a forma exata da cumplicidade e da leveza do amor. agradeço à poeta gênesis por compreender o que brilha e o que queima em nós. agradeço à poeta aline anaya por enxergarmos juntas que nossas almas são ouro que reluz. agradeço à atriz e poeta tula pilar por abrir estradas e por ser nossa sagrada ancestral no aiyê e no orum. agradeço às minhas alunas da odara que ao ler isso vão sorrir e relembrar nossos passos largos lá na escola. agradeço à mulher que fui e também à mulher que estou me tornando por nos amarmos em frequência imperfeita porém duradoura. recuperando reinados e buscando meus alicerces. e eu espero que vocês achem os seus e que coisas bonitas topem com vocês facilmente, axé.

leia também:



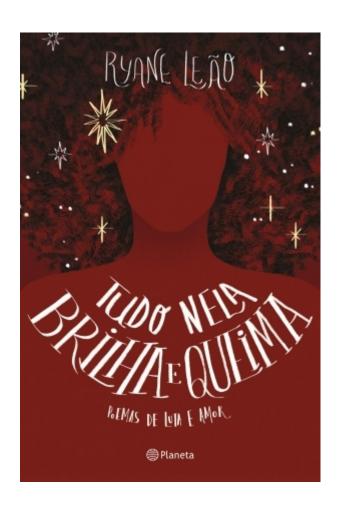


© Bea Andrade

ryane leão é mulher preta, poeta e professora cuiabana que vive em são paulo. publica seus escritos na página onde jazz meu coração e recita seus poemas nos saraus e slams do brasil. seu trabalho é pautado na resistência das mulheres e focado na luta e no fortalecimento pela arte e pela educação. tudo nela brilha e queima é seu primeiro livro, lançado pela editora planeta em 2017, e vendeu mais de 40 mil cópias. também pela editora planeta, a autora participou da antologia querem nos calar, que reuniu quinze poetas mulheres de todas as regiões do brasil. ryane é do axé, filha de oyá com ogum e só sabe existir sendo ventania por aí.

- PlanetaLivrosBR
- planetadelivrosbrasil
- PlanetadeLivrosBrasil
- nlanetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros



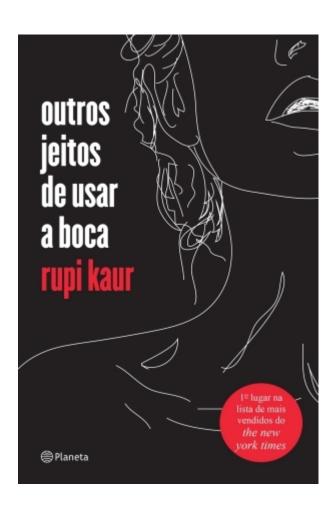
Tudo Nela Brilha E Queima

Leão, Ryane 9788542212198 189 páginas

Compre agora e leia

Livro de estreia de Ryane Leão, mulher negra, poeta e professora, criadora do projeto onde jazz meu coração, com mais de 150 mil seguidores nas redes. "a poesia é minha chance de ser eu mesma diante de um mundo que tanto me silencia.é minha vez de ser crua. minha arma de combate. nossa voz ecoada. nossa dor transformada. nela eu falo sobre amor,desapego, rotina, as cidades que nos atravessam, os socos no estômago que a vida dá, o coração desenfreado, a pulsação que guia as estradas, os recomeços, os dias, as noites, as madrugadas, os fins, os jeitos que a gente dá, as transições,os discos, os tropeços, as partidas, as contrapartidas, os pés firmes que insistem em voar, e tudo isso que é maluco e lindo e nos faz ser quem somos."

Compre agora e leia



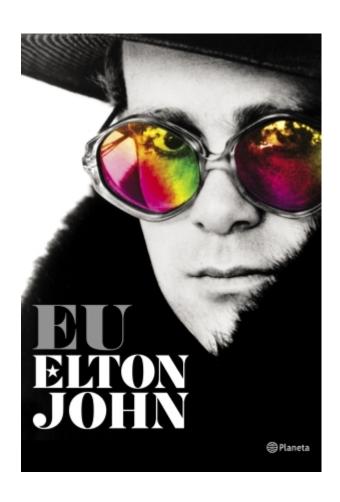
Outros Jeitos de Usar a Boca

Kaur, Rupi 9788542209426 33 páginas

Compre agora e leia

Maior fenômeno de poesia dos EUA na última década, há mais de 40 semanas no topo das listas de best-sellersOutros jeitos de usar a boca é um livro de poemas sobre a sobrevivência. Sobre a experiência de violência, o abuso, o amor, a perda e a feminilidade. O volume – publicado nos EUA como "milk and honey" – é dividido em quatro partes, e cada uma delas serve a um propósito diferente. Lida com um tipo diferente de dor. Cura uma mágoa diferente. Outros jeitos de usar a boca transporta o leitor por uma jornada pelos momentos mais amargos da vida e encontra uma maneira de tirar delicadeza deles. Publicado inicialmente de forma independente por Rupi Kaur, poeta, artista plástica e performer canadense nascida na Índia – e que também assina as ilustrações presentes neste volume -, o livro se tornou o maior fenômeno do gênero nos últimos anos nos Estados Unidos, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos

Compre agora e leia



Eu, Elton John

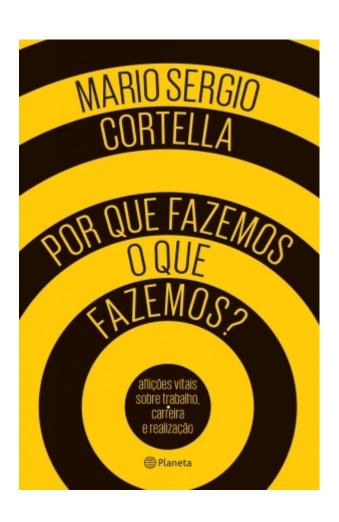
John, Elton 9788542218183 344 páginas

Compre agora e leia

Elton John é o cantor e compositor de maior e mais duradouro sucesso de todos os tempos. Embalada em altos e baixos, sua vida é extraordinária. Na sua primeira e única autobiografia, ele conta essa história em suas próprias palavras e com a honestidade – e o humor – que lhe é peculiar. Nesses setenta anos, não faltam momentos engraçados e outros tantos de partir o coração. Ele lembra detalhes da sua infância crescendo em um subúrbio de Londres e o relacionamento difícil com os pais. Batizado Reginald Dwight, era um garoto que, embora tímido, sonhava com o estrelato. Com 23 anos, fez seu primeiro show nos Estados Unidos. Vestido com um brilhante macação amarelo, uma camiseta com estrelas e botas com asas, enfrentou uma plateia atônita com aquela figura – e aquela performance. Elton John estava chegando e o mundo da música nunca mais seria o mesmo. No livro Eu, Elton John, ele narra episódios dramáticos desde a rejeição precoce de seu trabalho com o parceiro de composição

Bernie Taupin aos momentos de perder o controle como um superstar; das tentativas de suicídio ao secreto vício em drogas por mais de uma década. Elton John se lembra de episódios marcantes de suas amizades com John Lennon, Freddie Mercury e George Michael e até mesmo o dia em que dançou música disco com a Rainha da Inglaterra. Ele também escreve em detalhes como superou uma vida de vícios e fundou a sua Fundação para a Aids. Revela que encontrou o verdadeiro amor com David Furnish, se lembra de férias inesquecíveis com o estilista italiano Versace e da tristeza em cantar no funeral de sua amiga, a princesa Diana. Não faltam, é claro, detalhes de algumas de suas composições que entraram para a história. E, por fim, identifica o momento em que percebeu que queria ser pai – e viu sua vida mudar mais uma vez. Divertida e emocionante, a autobiografia Eu, Elton John vai levar o leitor a uma jornada íntima com uma lenda viva. "O mais incrível do rock 'n' roll é que ele permite que alguém como eu se torne uma estrela." - Elton John

Compre agora e leia



Por que fazemos o que fazemos?

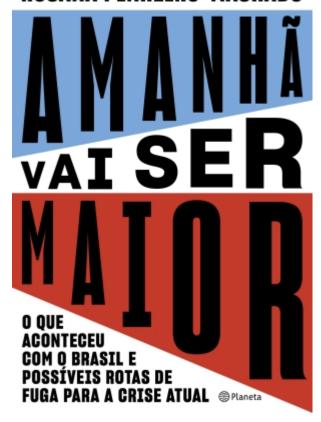
Cortella, Mario Sergio 9788542208160 84 páginas

Compre agora e leia

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segundafeira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está
tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o
real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio
Cortella desvenda em Por que fazemos o que fazemos? as
principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido
em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância
de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos
difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O
livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma
carreira mas vive se questionando sobre o presente e o
futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na
turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra
fundamental para quem sonha com realização profissional
sem abrir mão da vida pessoal.

Compre agora e leia

ROSANA PINHEIRO-MACHADO



Amanhã vai ser maior

Pinheiro-Machado, Rosana 9788542218237 160 páginas

Compre agora e leia

Desde as grandes manifestações de 2013, boa parte dos brasileiros possui uma única pergunta: o que está acontecendo com o país? Muitas pessoas se sentem em um trem desgovernado por causa de transformações profundas que o Brasil sofreu nos últimos anos, sem saber como dar sentido, viver e combater o caos diário. Este livro da professora, antropóloga e colunista Rosana Pinheiro-Machado possui dois objetivos. Primeiro, jogar luz sobre este período de crise, trazendo uma análise do cenário político e social desde as Jornadas de Junho até a eleição de Jair Bolsonaro, sem jargão acadêmico. Segundo, apontar as saídas que se delineiam no horizonte - e mostrar que já estamos construindo possibilidades de resistir em tempos sombrios.

Compre agora e leia